

Aula 2 – A Formação da Sociedade Capitalista e a Gênese da Questão Social

Você já parou para pensar por que, mesmo com tanto avanço tecnológico e riqueza no mundo, a desigualdade e a pobreza ainda persistem de forma tão marcante? É uma pergunta que nos assombra e nos motiva a buscar respostas. Nesta aula, não vamos apenas revisitar a história; vamos desvendar as raízes profundas dos desafios sociais que enfrentamos hoje, mergulhando no processo de formação da sociedade capitalista e no surgimento da chamada "Questão Social".

Imagine que a sociedade é como uma árvore robusta. Para entender seus frutos e suas folhas, precisamos conhecer suas raízes, o solo onde ela cresceu e as tempestades que enfrentou. A "Questão Social" – essa complexa teia de problemas como a pobreza, a exclusão, a precarização do trabalho e a falta de acesso a direitos – não surgiu do nada. Ela é um fruto de transformações históricas profundas, especialmente aquelas que moldaram o mundo em que vivemos.

Nosso objetivo aqui é que, ao final desta jornada, você seja capaz de identificar os marcos históricos da transição do feudalismo para o capitalismo, compreender como a Revolução Industrial deu origem a uma nova classe social e a novas formas de sofrimento, e reconhecer as primeiras faixas de resistência dos trabalhadores. Mais do que isso, queremos que você consiga conectar esses eventos históricos com as desigualdades e lutas sociais que vemos em nosso cotidiano, seja nas notícias, em sua comunidade ou mesmo em sua própria experiência.

Vamos explorar a transição do feudalismo para o capitalismo, o impacto avassalador da Revolução Industrial, o fenômeno do pauperismo que marcou o século XIX, e as primeiras e corajosas formas de resistência dos trabalhadores. Prepare-se para uma aula que não só preencherá lacunas em seu conhecimento, mas também aguçará seu senso crítico sobre o mundo ao seu redor.

O Palco da Mudança: Do Feudalismo ao Capitalismo

Para entender a gênese da Questão Social, precisamos voltar no tempo, para um mundo que, à primeira vista, parece muito distante do nosso: a Europa feudal. Imagine uma sociedade onde a terra era a principal fonte de poder e riqueza, onde a vida era rigidamente hierarquizada, e a maioria das pessoas vivia e morria no mesmo lugar onde nasceu, ligada à terra e a um senhor feudal. Era um sistema de relações sociais e econômicas baseado na servidão e na subsistência, com pouca mobilidade social e um comércio limitado.

Mas como uma sociedade tão estável e aparentemente imutável deu lugar a um sistema tão dinâmico e, por vezes, caótico como o capitalismo? A transição não foi um evento único, mas um processo longo e complexo, marcado por uma série de transformações econômicas, sociais e culturais. Pense nisso como uma grande peça de teatro que durou séculos, onde o cenário, os personagens e até o enredo foram gradualmente alterados, até que uma nova peça, com novas regras, pudesse começar.

Essa mudança gradual começou a ganhar força a partir do final da Idade Média, impulsionada por fatores como o crescimento populacional, o renascimento das cidades e do comércio, e as grandes navegações. As antigas estruturas feudais, baseadas na autossuficiência e na produção para o consumo local, começaram a ser desafiadas pela crescente demanda por bens e pela busca por lucros. Essa nova dinâmica, ainda incipiente, já carregava em si as sementes de um novo modo de produção.

O surgimento de uma classe de comerciantes e artesãos nas cidades, que não se encaixava na lógica feudal da terra, foi um dos primeiros sinais dessa transformação. Eles acumulavam capital, investiam em produção e comércio, e começavam a criar uma nova lógica econômica, baseada não mais na subsistência, mas na acumulação de riqueza. Essa nova mentalidade, focada no lucro e na expansão, seria o motor da revolução que viria.



As Rachaduras no Velho Mundo: O Fim do Feudalismo

01

A Peste Negra (Século XIV)

Ao dizimar grande parte da população europeia, a peste gerou uma escassez de mão de obra, o que, ironicamente, deu aos camponeses sobreviventes um poder de barganha inédito, levando a revoltas e ao enfraquecimento das relações servis.

02

Renascimento das Cidades

O florescimento do comércio, impulsionado pelas Cruzadas e pelas Grandes Navegações, criaram novos centros de poder econômico. As rotas comerciais se expandiram, o dinheiro voltou a circular intensamente e uma nova classe social, a burguesia, começou a acumular riqueza e influência.

03

Os Cercamentos (Enclosures)

Terras de uso comum foram cercadas e transformadas em pastagens para ovelhas ou propriedades privadas. Milhares de camponeses foram expulsos de suas terras, perdendo seus meios de produção e sendo forçados a migrar para as cidades em busca de trabalho.

Um fenômeno crucial para a desestruturação feudal foi o processo de **cercamentos** (enclosures), especialmente na Inglaterra. Pense nos cercamentos como um "divórcio forçado" entre o camponês e a terra. De repente, a segurança de ter um pedaço de chão para cultivar e garantir o alimento da família desapareceu. Essa massa de "despossuídos" se tornou uma força de trabalho disponível, barata e sem alternativas, essencial para o surgimento das primeiras manufaturas e, posteriormente, das fábricas. Essa "liberação" forçada da mão de obra foi um pilar fundamental para a ascensão do capitalismo.

A Revolução que Mudou Tudo: A Indústria e o Proletariado

Se a transição do feudalismo para o capitalismo foi um processo gradual, a Revolução Industrial foi como um acelerador de partículas que transformou radicalmente a sociedade em poucas décadas. Iniciada na Inglaterra no século XVIII, ela marcou a passagem da produção artesanal e manufatureira para a produção em larga escala, impulsionada por máquinas e novas fontes de energia. A invenção da máquina a vapor por James Watt, por exemplo, não foi apenas um avanço tecnológico; foi o motor de uma nova era.

Antes da Revolução Industrial

- Produção artesanal individual
- Trabalho em casa ou pequenas oficinas
- Controle total sobre o processo produtivo
- Ferramentas próprias
- Produção limitada

Após a Revolução Industrial

- Produção em massa nas fábricas
- Trabalho centralizado e coletivo
- Fragmentação e especialização
- Máquinas como ferramentas
- Capacidade produtiva exponencial

Essa mudança não se limitou à produção de bens. Ela reconfigurou a paisagem urbana, com o surgimento de cidades industriais inchadas e caóticas, e, mais importante, criou uma nova classe social: o **proletariado**. Esses eram os trabalhadores que, desprovidos de terras e ferramentas, tinham apenas sua força de trabalho para vender em troca de um salário. Eles se tornaram a engrenagem essencial do novo sistema, mas também suas maiores vítimas.

A Revolução Industrial é como um rio caudaloso que, ao mesmo tempo em que irriga novas terras e gera prosperidade para alguns, também inunda e destrói a vida de muitos outros. Ela trouxe inovações e riquezas sem precedentes, mas também gerou problemas sociais em uma escala nunca antes vista, lançando as bases para a Questão Social como a conhecemos.

O Nascimento de uma Nova Classe: O Proletariado

A Burguesia Industrial

Proprietária dos meios de produção – as fábricas, as máquinas, o capital. Detentora do poder econômico e político.

O Proletariado

Massa crescente de trabalhadores que não possuíam nada além de sua capacidade de trabalho. Dependentes do salário para sobreviver.

Com a Revolução Industrial em pleno vapor, a sociedade se viu dividida de uma forma mais nítida do que nunca. A vida do proletário era marcada pela **alienação** do trabalho. Ao contrário do artesão que via o produto final de seu esforço, o operário da fábrica realizava tarefas repetitivas e fragmentadas, sem controle sobre o processo produtivo ou sobre o destino do que produzia. O trabalho deixava de ser uma expressão de criatividade e habilidade para se tornar uma mera mercadoria, vendida por um salário que mal garantia a subsistência.

⊗ Condições de Trabalho Desumanas

- Jornadas exaustivas de 12 a 16 horas diárias
- Salários irrisórios
- Ambientes insalubres e perigosos
- Sem qualquer tipo de segurança ou direito
- Emprego de homens, mulheres e crianças em condições análogas à escravidão

Pense na vida de um operário daquela época como a de uma peça em uma engrenagem gigante. Essencial para o funcionamento da máquina, mas facilmente substituível e sem valor intrínseco. Essa desvalorização da vida e do trabalho humano, em contraste com a valorização do capital e da produção, é um dos pilares da Questão Social e um legado que, de diferentes formas, ainda ecoa em debates sobre a precarização do trabalho e a uberização nos dias de hoje.

A Questão Social em Carne Viva: O Pauperismo no Século XIX

A rápida urbanização e a industrialização desenfreada geraram um fenômeno social devastador: o **pauperismo**. Este termo descreve a condição de miséria e indigência generalizada que atingiu vastas camadas da população trabalhadora no século XIX, especialmente nas cidades industriais. Não era apenas pobreza individual, mas uma pobreza em massa, estrutural, que se tornou a expressão mais visível e dolorosa da Questão Social.



Características do Pauperismo

- Moradias precárias e superlotadas
- Ausência de saneamento básico
- Esgoto a céu aberto
- Doenças se espalhando rapidamente
- Baixíssima expectativa de vida
- Alta mortalidade infantil
- Falta de acesso à educação e saúde

Imagine cidades como Manchester ou Londres no auge da Revolução Industrial: superpopulosas, com moradias precárias e superlotadas, sem saneamento básico, esgoto a céu aberto e doenças se espalhando rapidamente. As famílias operárias viviam em cortiços insalubres, com pouca comida, sem acesso à educação ou saúde. A expectativa de vida era baixíssima, e a mortalidade infantil, assustadora.

O pauperismo não era apenas a falta de dinheiro; era a ausência de condições mínimas de existência digna. Era a fome, a doença, a falta de moradia, a ausência de perspectiva. Era a degradação humana em sua forma mais brutal, resultado direto de um sistema econômico que priorizava o lucro acima de tudo, sem qualquer preocupação com o bem-estar social.

Essa situação gerou um profundo contraste entre a riqueza acumulada pelos industriais e a miséria abjeta dos trabalhadores. É como se a sociedade estivesse dividida em dois mundos paralelos: um de opulência e progresso tecnológico, e outro de sofrimento e desespero. Essa dicotomia se tornou o motor para as primeiras reflexões e movimentos que buscavam uma sociedade mais justa e equitativa, questionando os fundamentos do capitalismo nascente.

As Cidades do Vapor e da Miséria: Um Olhar Sobre o Pauperismo

Para compreender a profundidade do pauperismo, é útil olhar para os relatos da época. Autores como Friedrich Engels, em "A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra" (1845), descreveram com detalhes chocantes as condições de vida nos bairros operários: ruas imundas, casas caindo aos pedaços, famílias inteiras amontoadas em um único cômodo, crianças trabalhando desde cedo em fábricas e minas, e a constante ameaça de doenças como cólera e tuberculose.

Desorganização Familiar

A necessidade de todos os membros da família trabalharem, inclusive crianças, significava que os laços familiares eram fragilizados e a educação era inexistente para a maioria.

Criminalidade e Prostituição

Para muitos, a criminalidade e a prostituição se tornavam as únicas formas de sobrevivência diante da ausência de alternativas dignas.

Ausência de Proteção

A ausência de qualquer legislação trabalhista ou social deixava os trabalhadores completamente à mercê dos patrões, sem voz ou proteção.

Essa realidade não era um acidente, mas uma consequência direta da lógica de acumulação capitalista. A mão de obra era abundante e barata, o que permitia aos empregadores pagar salários mínimos e não investir em condições de trabalho ou moradia.

Conectando com o presente, embora as condições extremas do século XIX sejam menos comuns em países desenvolvidos, o pauperismo ainda se manifesta em formas contemporâneas de pobreza extrema e exclusão social. Pense nas populações em situação de rua nas grandes cidades brasileiras, nas comunidades sem acesso a saneamento básico, ou na precarização do trabalho que leva à informalidade e à falta de direitos. As raízes históricas nos ajudam a entender a persistência desses desafios.

O Grito Silenciado: As Primeiras Formas de Resistência

Diante de tamanha exploração e miséria, a resignação não foi a única resposta. Embora desorganizados e muitas vezes violentos, os trabalhadores começaram a manifestar sua insatisfação e a buscar formas de resistência. Inicialmente, essas manifestações eram espontâneas e localizadas, como a destruição de máquinas – o movimento **ludita**, por exemplo.

O Movimento Ludita

Os luditas, nomeados em referência a um mítico Ned Ludd, viam nas máquinas a causa de seu desemprego e da degradação de suas condições de trabalho, e as quebravam como forma de protesto.

Essa forma de resistência, embora aparentemente irracional, era um grito de desespero contra um sistema que os oprimia. Era uma tentativa de retomar o controle sobre suas vidas e seu trabalho, mesmo que de forma simbólica e ineficaz a longo prazo.



Destruição de Máquinas

Atos espontâneos de revolta contra a tecnologia vista como causadora do desemprego e da exploração.



Primeiras Greves

Paralisações organizadas, muitas vezes reprimidas com violência brutal pelas forças do Estado.



Sociedades de Socorro Mútuo

Trabalhadores contribuíam com pequenas quantias para criar fundos de ajuda em casos de doença, acidente ou desemprego.

Essas primeiras iniciativas, por mais modestas que fossem, representavam um passo crucial. Elas mostravam que os trabalhadores não eram apenas vítimas passivas, mas agentes capazes de se organizar e lutar por seus direitos. Era o embrião da consciência de classe, a percepção de que, juntos, poderiam ter alguma força contra o poder avassalador do capital.

A Força da União: O Surgimento da Organização Operária

Com o tempo, as formas de resistência evoluíram de atos isolados para movimentos mais estruturados e conscientes. A proibição de associações de trabalhadores, como as "Combination Acts" na Inglaterra, apenas reforçou a necessidade de organização clandestina. Foi nesse contexto que surgiram as primeiras **Trade Unions** (sindicatos), inicialmente como associações secretas, que buscavam melhores salários, redução da jornada de trabalho e condições mais humanas.

1830-1840

Movimento Cartista - Luta por direitos políticos como sufrágio universal masculino, voto secreto e remuneração para parlamentares.

Legado Político

Pavimentou o caminho para futuros partidos trabalhistas e socialistas, mostrando que a luta ia além do pão.

1

2

3

Petições Massivas

Apresentação de petições ao Parlamento demonstrando a força da organização operária e a capacidade de mobilização.

Um dos movimentos mais significativos foi o **Cartismo**, na Inglaterra, entre as décadas de 1830 e 1840. Os cartistas não se limitavam a reivindicações econômicas; eles lutavam por direitos políticos, acreditando que a participação política era essencial para mudar suas condições de vida.

O Cartismo, embora não tenha alcançado todos os seus objetivos imediatos, foi um marco. Ele mostrou que a luta dos trabalhadores não era apenas por pão, mas por dignidade e por uma voz na sociedade.

Pense na organização operária como a construção de uma ponte. No início, havia apenas pedras soltas e tentativas individuais de atravessar o rio da exploração. Com a união e a organização, os trabalhadores começaram a construir uma estrutura sólida, tijolo por tijolo, que lhes permitiria atravessar para um futuro com mais direitos e justiça. Essa capacidade de organização coletiva é o que diferencia a mera revolta da luta por transformação social.

Vozes por Mudança: Pensadores e Movimentos Sociais

A miséria e a exploração geradas pela Revolução Industrial não passaram despercebidas pelos intelectuais da época. Diversos pensadores começaram a analisar as causas da Questão Social e a propor soluções, dando origem a diferentes correntes de pensamento.



Socialistas Utópicos

Robert Owen, Charles Fourier e Saint-Simon propunham a criação de comunidades ideais, baseadas na cooperação e na igualdade, como forma de superar os males do capitalismo. Foram importantes por denunciarem as injustiças e inspirarem as primeiras experiências de cooperativismo.

Embora suas ideias fossem muitas vezes consideradas idealistas e de difícil aplicação em larga escala, os socialistas utópicos foram importantes por denunciarem as injustiças do sistema e por inspirarem as primeiras experiências de cooperativismo e organização social. Eles foram os primeiros a sonhar com uma sociedade radicalmente diferente.

A análise marxista, ao identificar a exploração como um problema estrutural e não apenas moral, forneceu uma base teórica para os movimentos operários e socialistas que se seguiram. Ela transformou a luta por direitos em uma luta por transformação social, influenciando sindicatos, partidos políticos e a própria concepção de Estado de Bem-Estar Social que surgiria no século XX.



Marx e Engels

Desenvolveram a análise mais influente sobre a Questão Social e o capitalismo. Em "O Manifesto Comunista" e "O Capital", argumentaram que a exploração era intrínseca ao sistema capitalista, baseado na apropriação da mais-valia.

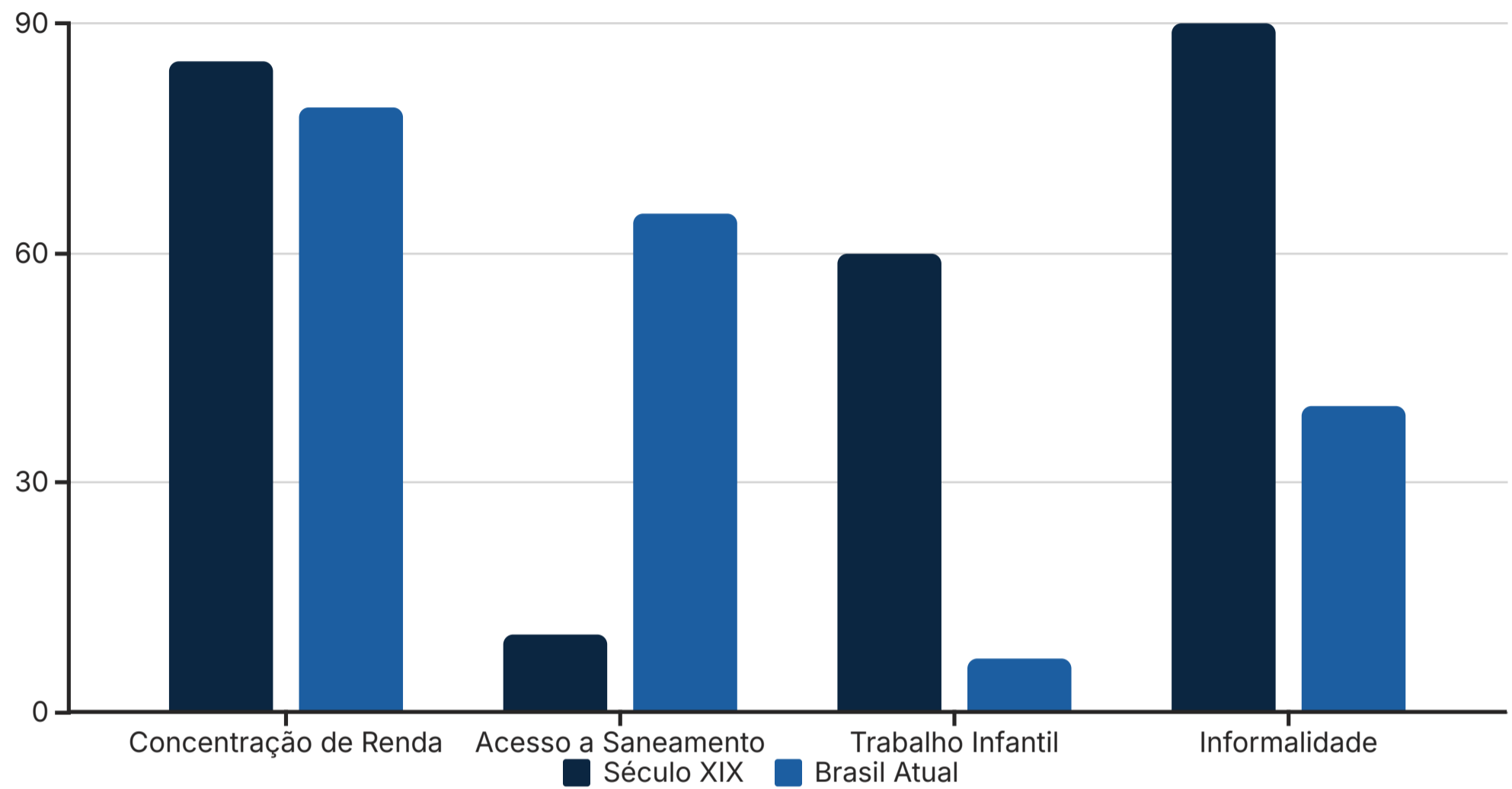


Análise Estrutural

A análise marxista identificou a exploração como um problema estrutural, não apenas moral, fornecendo base teórica para movimentos operários e socialistas, influenciando sindicatos e partidos políticos.

O Legado da Revolução Industrial: Desigualdades Persistentes

A história da formação da sociedade capitalista e da gênese da Questão Social não é apenas um capítulo em livros antigos; ela é um espelho que reflete muitos dos desafios que enfrentamos hoje. As desigualdades que surgiram com a industrialização, embora transformadas, persistem em nosso tempo.



No Brasil, por exemplo, a concentração de renda e riqueza é um problema crônico, com dados do IBGE (PNAD Contínua) e IPEA mostrando que uma pequena parcela da população detém a maior parte da riqueza, enquanto milhões vivem em condições de vulnerabilidade.

Desigualdade de Acesso

Assim como no século XIX, onde saneamento e moradia eram privilégios, hoje, em muitas periferias urbanas e áreas rurais do Brasil, o acesso à água tratada, esgoto, saúde de qualidade e educação ainda é um luxo.

Precarização do Trabalho

A informalidade, a falta de direitos trabalhistas em novas modalidades de trabalho (como a "uberização" e a "gig economy"), e a baixa remuneração para milhões de brasileiros ecoam a dependência do salário e a vulnerabilidade do proletariado original.

Essa persistência das desigualdades nos mostra que a Questão Social não é um problema resolvido, mas um desafio contínuo. Compreender suas raízes históricas nos permite analisar criticamente as manifestações atuais e buscar soluções mais eficazes, reconhecendo que a luta por justiça social é uma jornada de longo prazo.

A Questão Social Hoje: Desafios e Novas Faces

A Questão Social, embora enraizada no passado, se manifesta de novas formas no século XXI, adaptando-se às complexidades da sociedade contemporânea.

Desigualdade Digital

Em um mundo cada vez mais conectado, o acesso à internet de qualidade e a dispositivos tecnológicos tornou-se essencial para a educação, o trabalho e a cidadania. Milhões de brasileiros ainda estão excluídos desse universo.



Justiça Climática

As comunidades mais pobres e vulneráveis são frequentemente as mais afetadas pelos impactos das mudanças climáticas, como enchentes, secas e desastres naturais, mesmo sendo as menos responsáveis por suas causas.

Saúde Mental

A pressão do trabalho, a insegurança econômica, a violência urbana e a falta de perspectivas contribuem para o aumento de transtornos como ansiedade e depressão, especialmente entre as populações mais vulneráveis.

Um dos desafios mais prementes é a **desigualdade digital**. No entanto, milhões de brasileiros ainda estão excluídos desse universo, aprofundando as disparidades sociais e econômicas.

Outra face da Questão Social contemporânea é a **crise ambiental e a justiça climática**. Isso revela uma dimensão da desigualdade que transcende a renda e o acesso a serviços, atingindo a própria capacidade de sobrevivência.

Esses novos desafios mostram que a Questão Social é um fenômeno dinâmico, que exige uma análise constante e a formulação de novas respostas. Não basta olhar para o passado; é preciso entender como as estruturas históricas de desigualdade se reconfiguram no presente, gerando novas formas de exclusão e sofrimento.

Respostas e Lutas: Políticas Públicas e Direitos no Brasil

Diante da complexidade da Questão Social, a sociedade e o Estado têm buscado, ao longo do tempo, formas de mitigar seus efeitos e promover a justiça social. No Brasil, um marco fundamental é a [Constituição Federal de 1988](#), conhecida como a "Constituição Cidadã".

01

Marco Constitucional

A CF/88 estabeleceu um amplo rol de direitos sociais, como saúde, educação, moradia, trabalho, previdência social e assistência social, reconhecendo-os como direitos fundamentais de todos os cidadãos.

02

Legislações Específicas

ECA, Estatuto do Idoso, Lei Maria da Penha - instrumentos legais que garantem proteção a grupos específicos e vulneráveis da sociedade.

03

Programas Sociais

Bolsa Família, políticas de cotas, SUS - programas que buscam combater a pobreza e promover a inclusão social de forma prática e direta.

Conceito	Âmbito/Aplicação	Base/Origem	Exemplo
Pauperismo	Miséria generalizada	Revolução Industrial	Condições de vida nos cortiços de Manchester no séc. XIX
Questão Social	Conjunto de problemas sociais	Formação do Capitalismo	Desigualdade de renda e acesso a serviços no Brasil hoje
Políticas Sociais	Ações do Estado para direitos	Lutas sociais e CF/88	Bolsa Família, SUS, Lei Maria da Penha

Essas políticas e marcos legais são frutos de longas lutas sociais e representam avanços importantes na construção de uma sociedade mais justa. No entanto, sua implementação e efetividade dependem de um compromisso contínuo do Estado e da sociedade, e a luta por direitos e pela superação das desigualdades é um processo permanente.

Reflexões Finais: Compreendendo o Passado para Agir no Presente

Chegamos ao fim de nossa jornada pela formação da sociedade capitalista e a gênese da Questão Social. Vimos como a transição do feudalismo, a Revolução Industrial e o surgimento do proletariado criaram um novo cenário de produção de riqueza, mas também de miséria e exploração em massa. O pauperismo do século XIX foi a expressão mais cruel dessa realidade, que, por sua vez, impulsionou as primeiras e corajosas formas de resistência e organização dos trabalhadores.

Compreender essa história não é apenas um exercício acadêmico; é uma ferramenta poderosa para analisar o mundo em que vivemos. As desigualdades que persistem hoje – sejam elas de renda, acesso, digitais ou ambientais – são ecos de processos históricos que moldaram as estruturas de nossa sociedade. Ao reconhecer as raízes da Questão Social, somos capazes de ir além da superfície dos problemas e identificar suas causas mais profundas.

Essa perspectiva histórica nos capacita a ser cidadãos mais críticos e atuantes. Ela nos ajuda a entender por que certas políticas públicas são necessárias, por que a luta por direitos é contínua e por que a busca por uma sociedade mais justa e equitativa é um projeto permanente.



"A história não se repete, mas rima, e conhecer as rimas do passado nos ajuda a compor um futuro diferente."

Próxima Aula

Em nossa próxima aula, "Aula 3 – Estado, Sociedade e Políticas Sociais", aprofundaremos como o Estado e a sociedade se organizaram para responder a esses desafios, explorando a evolução das políticas sociais e o papel de diferentes atores na construção de um sistema de proteção social.

Consolidação e Autoavaliação

Nesta aula, desvendamos as complexas transformações que levaram do feudalismo ao capitalismo, marcadas pela Revolução Industrial e pelo surgimento do proletariado. Exploramos o fenômeno do pauperismo como a face mais cruel da Questão Social no século XIX e as primeiras formas de resistência e organização dos trabalhadores. Conectamos esses eventos históricos com as desigualdades contemporâneas, percebendo que a Questão Social é um desafio em constante evolução, que exige compreensão e ação contínuas.

✓ Em prática

O conhecimento sobre a gênese da Questão Social permite-lhe analisar criticamente as notícias sobre desigualdade, entender a importância de políticas públicas como o Bolsa Família e as cotas, e reconhecer a relevância das lutas por direitos trabalhistas e sociais em qualquer contexto profissional ou cívico.

Autoavaliação

- Qual dos seguintes fatores NÃO foi um elemento chave na transição do feudalismo para o capitalismo?**
 - a) O renascimento das cidades e do comércio.
 - b) A Peste Negra e a escassez de mão de obra.
 - c) O fortalecimento do sistema de servidão e a autossuficiência dos feudos.
 - d) Os cercamentos e a expulsão de camponeses de suas terras.
- A Revolução Industrial, iniciada no século XVIII, teve como uma de suas principais consequências:**
 - a) O fortalecimento da produção artesanal e a valorização do trabalho manual.
 - b) O surgimento de uma nova classe social, o proletariado, dependente do salário.
 - c) A diminuição da urbanização e o retorno da população ao campo.
 - d) A erradicação imediata da pobreza e a melhoria das condições de vida para todos.
- O termo "pauperismo", no contexto do século XIX, refere-se principalmente a:**
 - a) Uma condição de riqueza extrema e acúmulo de capital pelos industriais.
 - b) A escassez de mão de obra qualificada nas fábricas.
 - c) A miséria e indigência generalizada que atingiu a classe trabalhadora nas cidades industriais.
 - d) Um movimento de caridade e assistência social promovido pela burguesia.
- As primeiras formas de resistência e organização dos trabalhadores, como o ludismo e o cartismo, demonstram que:**
 - a) Os trabalhadores aceitavam passivamente suas condições de exploração.
 - b) A luta por direitos era exclusivamente econômica, sem aspirações políticas.
 - c) Havia uma crescente consciência da necessidade de união e ação coletiva para enfrentar a exploração.
 - d) As máquinas eram o único alvo da revolta operária, sem foco nas relações de trabalho.
- Explique, com suas palavras, como a análise da gênese da Questão Social (da transição do feudalismo ao capitalismo) pode nos ajudar a compreender os desafios sociais contemporâneos no Brasil, como a desigualdade digital ou a precarização do trabalho.

Gabarito

1 c) O fortalecimento do sistema de servidão e a autossuficiência dos feudos.

2 b) O surgimento de uma nova classe social, o proletariado, dependente do salário.

3 c) A miséria e indignação generalizada que atingiu a classe trabalhadora nas cidades industriais.

4 c) Havia uma crescente consciência da necessidade de união e ação coletiva para enfrentar a exploração.

Resposta esperada para a questão discursiva:

A análise da gênese da Questão Social nos mostra que problemas como a desigualdade e a precarização do trabalho não são acidentais, mas resultados de estruturas econômicas e sociais. Ao entender como o capitalismo se formou, com a despossessão de meios de produção e a dependência do salário, podemos ver paralelos com a desigualdade digital (exclusão de acesso a ferramentas essenciais) e a precarização do trabalho (novas formas de exploração e ausência de direitos), que são manifestações contemporâneas da mesma lógica de acumulação e exclusão.

Recursos e Próximos Passos

Próxima Aula

Aula 3 – Estado, Sociedade e Políticas Sociais

Livro Recomendado

"A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra" de Friedrich Engels (para aprofundar no pauperismo).

Documentário

"Tempos Modernos" de Charlie Chaplin (para visualizar a alienação do trabalho industrial).

Artigo de Pesquisa

Pesquise "Desigualdade no Brasil IPEA" (para dados atualizados sobre a questão social contemporânea).

NOTA IMPORTANTE: As informações regulatórias/legais/técnicas desta aula estão atualizadas até 2025. Consulte sempre fontes oficiais para verificar alterações.